

MISSÃO DUM JORNAL

Todos aqueles incorrigíveis jornalistas que, como o autor destas linhas e a maior parte dos seus companheiros de armas nesta trincheira cinéfila, aprenderam o seu ofício nas redacções e oficinas dos grandes cotidianos, sentem como que um ar novo oferecido ao seu resfolegar profissional dentro da nova fórmula do «Animatógrafo». A amplidão das páginas, a medida mais larga das colunas, o cabeçalho, negro e górdio, com as suas «tripas» familiares, impondo-se como um grito ao alto da «primeira», tudo nos dá a sensação de que um novo «espaço vital» se oferece à nossa febre de conquistadores.

Aquilo que queremos conquistar é bem legítimo, e bem digno da nossa missão de jornalistas portugueses: a emancipação do Cinema Português, dentro das melhores relações com o BOM CINEMA estrangeiro, venha lá ele donde vier.

Mas, como todos os conquistadores, nós temos inimigos. Alguns — são poderosos. E quasi todos eles — são hábeis. A missão que nos propusemos não é portanto fácil, nem inofensiva, nem gratuita. Já temos pago caro, alguns dos atreimentos indispensáveis. E estamos certos de pagar outros bem mais caro ainda.

O momentâneo desequilíbrio orgânico provocado pelo «bloqueio» de publicidade a que já largamente nos referimos, remediámo-lo nós com a resolução tomada a tempo de mudar radicalmente, numa semana para a outra, as características gráficas e o preço do nosso jornal. Bannimos duma assentada, sem uma hesitação, tudo o que não havia, desde o começo, de arreivado e cafista. Adeus, lindas cachopas de além-mar, impressas em rica rotogravura ou embonecadas a duas cores! Adeus, garbosos ases de bigode, destinados à galeria sentimental das suas fervorosas admiradoras!... Choremos uma lágrima sentida sobre a impossibilidade de reproduzir, por ora, condignamente, tão impressionantes formas e feições. Acreditamos: a culpa não foi nossa. E não

suponham que nos sentimos vexados por ter transgido alguma vez com a dispendiosa sedução de editar beleza estandardizada. Nós sabemos e reconhecemos tudo quanto o nosso querido Cinema vos deve, a vós, ó paladinos da mocidade luminosa, que fazeis o sacrifício da vossa tranquilidade à razão duma data de milhares de dólares por semana.

Mas a missão do nosso jornal foi sempre muito outra. E vocês, que são inteligentes, são capazes de nos compreender.

Imaginem, por um instante, que lá no vosso país, as fitas feitas cá na nossa terra, em que cavalgam os nossos campinos em vez dos vossos «cow-boys», em que o Zé do Telhado é o único «gangster» apresentável em público, e a saloia rivaliza à compita com os hirsutos «chill-billies», as nossas fitas — dizíamos — faziam a vida negra às vossas, onde havia tudo aquilo que vocês sentiam, e percebiam e amavam. E imaginem que, ainda por cima, uma fita dum realizador vosso compatriota se arriscava a estar semanas e semanas à espera de vez, porque outras fitas, com a Beatriz Costa, a Madalena Soito e o Oliveira Martins lavadiam os saões, isto sem que nenhuma delas contribuisse com um miserável «dime» para que, vocês fizessem o gósto ao dedo, num Lumiar da Califórnia, apresentando a história do Abe Lincoln no Illinois ou as atribuições familiares dos Hardys que o vosso público muito belamente reclamava.

O que é que acontecia? Acontecia, com certeza, que vocês davam uma sorte de todos os diabos, faziam greve, punham-se a passear em frente dos cinemas com um letreiro às costas em que declaravam que a Tobis e a Lisboa Filme não tinham sido «fair» com o Tio Sam, e se calhar conseguiam que a Casa Branca arranjasse aos poderosos distribuidores portugueses da Broadway uma daquelas carrapatas que eles até se viam azuis.

Pois nós cá somos muito melho-

(Ver conclusão na 4.ª página)

Prossegue a construção dos cenários de «O COSTA DO CASTELO»

As filmagens devem começar a 10 de Janeiro

Manuel Santos Carvalho é quem ensaia os intérpretes

O ritmo da produção portuguesa de filmes não afrouxa, antes se acelera, mês a mês, à medida que exhibidores e produtores começam a ver sem dúvidas a grande realidade que é a predileção do público português pelos filmes que falam a nossa língua e pelas personagens com quem sentimentalmente se entendem. A produção de fitas portuguesas com continuidade vai cimentando com segurança os seus alicerces, preparando-se assim para melhorar a sua qualidade, alargar o seu interesse e desempenhar na vida nacional o lugar que lhe compete.

Mal acabadas as filmagens de «O Pátio das Cantigas» o que, há dias, como foi anunciado em «Animatógrafo» se verificou, a «equipe» de construções da Tobis, dirigida por José Malveira começou logo a erguer novos cenários no estúdio. Este não teve, assim, num dia de descanso e ainda bem que não chega para as encomendas porque isso significa o progresso e a vitória do Cinema Português. Os cenários que na Quinta das Conchas se levantam agora são da autoria do nosso querido colaborador e amigo Raúl Faria da Fonseca, autor, também dos cenários de «O João Ratão», «Lóbos da Serra» e «Ala, Arriba!». Estamos certos que Raúl mais uma vez patenteará não o apurado gosto de decorador como também a sua completa noção das exigências do cenário cinematográfico em que sempre se mostrou especialista. Logo que os primeiros «decors» sejam dados como prontos — o que deve acontecer entre 10 e 15 de Janeiro — começaremos as filmagens. Veremos novamente, no «plateau» da Tobis, Artur Duarte empunhar os seus inseparáveis megafones e apitos como realizador. A seu lado, como assistente técnico, um dos mais conhecedores e valiosos profissionais do Cinema Francês que, vindo para Portugal para cuidar da montagem de «Ala, Arriba!», por cá ficou contratado pela Tobis. A sua experiência e o seu conselho serão com certeza traduzidos em resultados, durante a realização de «Costa do Castelo». Aquilino Mendes operador festejado da «Canção da Terra» e do «João Ratão» que um dia abandonara Portugal para tentar sorte no Brasil, volta também ao Lumiar, como filho prodígio e vai dar boa conta de si.

Quanto aos actores o leitor perguntará bem mas... só lhe podemos falar de alguns consagrados que são: Maria Matos, Laura Alves, António Silva e Manuel Santos Carvalho.

Tereza Casal também volta a trabalhar dirigida por seu marido.

Mas há mais raparigas e rapazes novos que, no entanto ainda não estão definitivamente escolhidos. Artur Duarte e Saint Léonard têm feito provas para escolher dois intérpretes só sabendo, por enquanto, que há grandes probabilidades de vermos

na tela a cantora da rádio Mild e Igras Caetano ou Curado Ribeiro que é também um profissional da rádio.

Um facto há a que não queremos deixar de fazer referência especial. Manuel Santos Carvalho actor sobejamente conhecido do nosso público teatral e cinematográfico, profissional de reconhecido valor, homem

revela o cuidado com que a Tobis prepara o seu filme, não se poupando a sacrificios; e, ainda, porque representa e regresso duma técnica que a Tobis já adoptou com resultados em «A Varanda dos Rouxinóis» e «O João Ratão».

Santos Carvalho vai agora desempenhar o posto que o saudoso Rafael M. que desempenhou nesses dois filmes preparando os artistas mais inexperientes de maiores dificuldades, com a cedência de tirar o maior partido das possibilidades e dando feições que os actores escreveram para serem bem aproveitadas. As vantagens industriais e técnicas do sistema são evidentes. O instalamento da câmara e já sabemos que se propõe a fazer um trabalho de esforço e ao produzir um trabalho precioso.

Estão, pois, a Tobis e Artur Duarte parabéns e estamos certos que o pouco tempo — que os actores terão, que ora já também terão — será bem empregado.

ONDE SE ENCONTRA «O COSTA DO CASTELO»
Será dada em S. LUÍZ



Manuel Santos Carvalho na sargento Balata de «Lóbos da Serra»

que sabe da sua arte a valer foi contratado pela Tobis para ensaiar os intérpretes de «O Costa do Castelo» que não são actores de teatro. Merece o acontecimento ser festejado, primeiro porque é, de qualquer modo, uma homenagem ao saber de Santos Carvalho que ao Cinema se tem dedicado de corpo e alma; segundo, porque

A ESTREIA DE «O PÁTIO DAS CANTIGAS»

Está marcada para o dia 16, no EDEN

Não haverá récita de gala

Está marcada para sexta-feira, 16 de Janeiro próximo, a estreia do 2.º Filme da Produção António Lopes Ribeiro, «O Pátio das Cantigas». Começou a filmar na última semana de Setembro, foi dado por concluído nos estúdios a 17 de Dezembro, tendo-se procedido, de então para cá aos trabalhos indispensáveis de sonorização musical, montagem de apuro e trabalhos finais de laboratório. Estreia-se assim três meses e meio depois de começado um filme que, conforme se verá, é particularmente complexo, pelo grande número de figuras que põe em cena e grande diversidade dos cenários, embora toda a acção decorra num pátio lisboeta típico, em duas ruas adjacentes e num lugar de flores da Praça da Figueira, propriedade da sr.ª Rosa — primeira criação cinematográfica dessa grande actriz que é Maria das Neves. A seu lado, um elenco de vedetas: Vasco Santana, António Silva, Ribeiro (que foi, além disso, o encenador do filme), Maria Paula, Graça Maria, Laura Alves, António Vilar, Carlos Otero, Barros Lopes (o João Magrinho), Armando Machado, Pereira Saraiva, Reginaldo Duarte, Os 3 Irmãos Marques, Carlos Alves (o impagável Engenhocas), Eliezer Kamensky, João Silva, Regina Montenegro, etc., etc. E, num papel em que evidencia as suas extraordinárias qualidades; uma rapariga que a rádio já celebrou: Maria da Graça.

O público ainda fresco de «O Pai Tirano», argumento e diálogos dos mesmos autores de «O Pátio das Cantigas», e a certeza de que a mesma equipa técnica só pode progredir desde que trabalhe com a continuidade que a Prod. A. L. R. lhe assegurou, explica a enorme ansiedade com que é aguardado pelo público este novo filme português.

Tal como para «O Pai Tirano», não haverá récita de gala. Será o público e não apenas os amigos quem julgará.

Nos mentidores — e também nos chamados «circuitos» bem informados... — correm as mais descontraídas versões acerca da estrela do novo filme de Jorge Brum do Canto, «Lóbos da Serra». Já saiu do laboratório a cópia de ensaio; preparam-se as cópias definitivas. E a verdade é que ainda nada há de positivo quanto à data e ao local a que está reservada a honra de apresentar a nova obra do realizador de «A Canção da Terra» e «João Ratão».

— É a 6 de Janeiro, no São Luiz.

— Não é nada. Só depois do Carnaval.

— Pode lá ser Mas dizem-me que só vai duas semanas no Tivoli e passa depois para o Condes.

— Que ideia! Vai mas é no Politeama.

— De qualquer maneira o Jorge não dispensa récita de gala.

Procuramos informar-nos na fonte limpa: o produtor, principal interessado.

— Ainda não posso dizer nada de positivo.

Inquirimos junto dos cinemas: — Não está nada assente... Não publique nada... Nada se sabe de concreto...

O distribuidor, esse, recolhe-se a um mutismo exemplar.

Francamente, não compreendemos semelhante discórdia da parte do produtor ou do cinema a quem o filme coube em sorte. Porque, em nosso entender, só uma atitude se explicaria: que todos os grandes cinemas disputassem, vivamente, o novo filme português.

— Levo eu!

— Não, senhor! Não leva nada! Levo eu! Dou mais tanto.

— Pois eu ainda dou mais!

Ora quero-nos parecer que não se dá nada disso. Dá-se simplesmente o seguinte: QUE TENDO TODOS OS GRANDES CINEMAS EMPENHO DE O EXIBIR, pela confiança que lhes merece o trabalho do realizador, e a certeza de que estreiar um filme português É SEMPRE UM BOM NEGÓCIO, todos eles lutam com mais ou menos embaraços para encontrarem semanas disponíveis. DEVIDO AOS SEUS COMPROMISSOS DE EXIBIR PROGRAMAS ESTRANGEIROS.

Satu agora em Espanha uma lei que impõe um programa espanhol por cada seis programas estrangeiros. Já que em Portugal não existe nada de semelhante, que ao menos os exhibidores imponham, apolando-se na Inspeção dos Espectáculos (que certamente os não contrariaria), a lei patriótica do facto consumado, exibindo quanto antes, COMO É JUSTO e durante o TEMPO QUE FÓR JUSTO o filme de Jorge Brum do Canto.

E os lesados que se vão queixar ao consui...

A taça e as medalhas do «Animatógrafo» de 1941

A semelhança do ano anterior, e tal como tendemos a fazer todos os anos, «Animatógrafo» distinguirá com uma taça de prata O MELHOR FILME ESTRANGEIRO APRESENTADO EM LISBOA EM 1941 e com duas medalhas os intérpretes, homem e mulher, que mais se distinguiram nesse mesmo ano.

Prendemos marcar assim a nossa «política» a favor do BOM CINEMA, que é a única que importa a autênticos cinéfilos.

Já hoje publicamos a lista dos candidatos aos três prémios: FILMES, ACTORES e ACTRIZES. Esses candidatos foram escolhidos entre todos os filmes e intérpretes do ano como os únicos susceptíveis de aspirarem legitimamente ao título de O MELHOR.

O júri de classificação não teve, tal como no ano anterior, qualquer preocupação de doseamento entre as firmas produtoras ou distribuidoras que apresentaram os filmes ou os artistas. Todos foram escolhidos EM MÉRITO ABSOLUTO, e

o simples facto de figurarem na lista dos candidatos (que, aliás, não consideramos definitiva, para ressalvar qualquer lapso ou injustiça accidental) é já uma distinção.

Mais uma vez se verifica que nem sempre foram os melhores que alcançaram maiores êxitos de bilheteira. Que esse êxito fosse legítimo não se duvida. Mas que seja esse o único prémio que «Animatógrafo» admira para a sua mediocridade, distinguindo com os seus prémios aqueles que indiscutivelmente o mereceram, pelo nível a que elevaram o Cinema.

Alguns dos candidatos foram admitidos

por unanimidade. Outros somente por maioria. Mas todas as exclusões se verificaram por unanimidade, embora por vezes à segunda volta de escrutínio e após vivos debates.

Nenhuma dessas indicações porém se manifesta, para não influir de nenhum modo no espírito do Júri de Classificação, sendo os nomes dos candidatos publicados por ordem alfabética.

Ainda esta semana serão entregues os Boletins de Voto, que deverão ser preenchidos e devolvidos à redacção em envelope fechado até 15 de Janeiro de 1942.

VER NA PAG. 2

A lista dos candidatos

OS CANDIDATOS À TAÇA E ÀS MEDALHAS DO «ANIMATÓGRAFO»

A' semelhança do que sucede nos países em que ao cinema é dada a importância que merece, os melhores filmes e os melhores artistas já têm quem os distingua e premeie em Portugal

NO LIMAR DO NOVO ANO DE 1942, «ANIMATÓGRAFO» DESEJA A TODOS OS SEUS LEITORES, E PARTICULARMENTE A TODOS OS PROFISSIONAIS DE CINEMA, TÉCNICOS E ARTISTAS, UM NOVO ANO CHEIO DE PRÓSPERA FELICIDADE. FAZ VOTOS PARA QUE A PAZ VOLTE A REINAR PRONTAMENTE ENTRE OS HOMENS DESAVINDOS, UMA PAZ CRISTÁ QUE A TODOS TRAGA TRANQUILIDADE, TRABALHO E JUSTIÇA.

As Terças-Feiras, 5 Tostões

Conforme anunciamos no último número, «Animatógrafo» passa a custar apenas na sua nova fórmula, cinco tostões — cinquenta centavos — isto é: o mínimo que pode custar qualquer jornal nestes tempos belicicosos e difíceis. O director e os redactores do «A» confiam em que ele irá assim atingir um público muito mais vasto ainda do que alcançava até aqui. E têm a consciência plena das novas responsabilidades que, por esse facto, sobre o seu jornal recaem.

Além, por necessidades de espaço e para que todas as críticas sejam publicadas a tempo e em respeito as estreias em Lisboa, iremos até sexta-feira publicar o seu dia de saída, passado o qual, posto à venda todas as Terças-Feiras, em vez de ser...

Antologia

A par do repositório de artigos contemporâneos que fomos traduzindo e dando à estampa na nova página «O Cinema no Mundo», iniciaremos uma «Antologia», em que daremos os textos mais significativos das maiores autoridades, vivas ou mortas, em matéria de Cinema. A bibliografia cinematográfica, embora vasta, ainda não tem, inexplicavelmente, o desenvolvimento que a expansão da sétima Arte justificaria. Além disso, os melhores livros de Cinema, história, técnica, estética, filosofia, são caros e acham-se, na sua grande maioria esgotados. Alguns são mesmo, praticamente, impossíveis de encontrar.

Os nossos leitores decerto apreciarão, portanto, a nova secção de «Antologia», que abre com uma citação oportuníssima do clássico mais considerado e considerável: Louis Delluc.

As Três Barcas

Outra inovação, que por certo agradará aos nossos leitores, pelo seu carácter eminentemente português e pelo seu claro sentido crítico, é a «instituição», na página da crítica, de «As Três Barcas de Mestre Gil». Procura-se com ela aplicar, transposta para o cinema, a concepção vicentina da selecção das almas, segundo seus pecados ou virtudes. O juízo delas traz pesadas responsabilidades. Mas, sob a égide de Mestre Gil, o primeiro e o maior dos nossos críticos, confiamos em que na secção nova se fará justiça.

As listas de candidatos que a seguir publicamos foram elaboradas pelo Júri de Admissão do concurso, composto, como no ano passado, por redactores de «Animatógrafo». Os filmes e artistas candidatados foram seleccionados entre os apresentados em Lisboa durante o ano de 1941. Estas listas estão ainda sujeitas a aditamentos e correcções.

Os filmes

- «A BATALHA DE TRAFALGAR» (That Hamilton Woman)
- «A CARROÇA FANTASMA» (La Charrette Fantôme)
- «A CIDADE TURBULENTE» (Destry rides again)
- «A LOJA DA ESQUINA» (The shop around the corner)
- «A PASSAGEM DO NOROESTE» (Northwest Passage)
- «A PATRULHA DA ALVORADA» (Dawn Patrol)
- «AS MÃOS E A MORTE» (Of mice and men)
- «A ÚLTIMA FRONTEIRA» (The Westerner)
- «A VIDA DE EDISON» (Edison, the Man)
- «COMPRA-SE UM MARIDO» (Come live with me)
- «CORRESPONDENTE DE GUERRA» (Foreign Correspondent)
- «DESFILÉ DA PRIMAVERA» (Spring Parade)
- «JEZEBEL, A INSUBMISSA» (Jezebel)
- «KITTY, A RAPARIGA DA GOLA BRANCA» (Kitty Foyle)
- «LAR BENDITO» (Heimat)
- «O DIABO E MENINA» (The Devil and Miss Jones)
- «O LADRÃO DE BAGDAD» (The Thief of Bagdad)
- «O MUNDO A SEUS PÉS» (Citizen Kane)
- «O OUTRO» (They knew what they wanted)
- «ORGULHO E PRECONCEITO» (Pride and Prejudice)
- «OS 7 CAVALEIROS DA VITÓRIA» (Northwest Mounted Police)
- «PEÇO A PALAVRA» (Mister Smith goes to Washington)
- «RAPOSA MATREIRA» (The Little Foxes)

«REBECCA»
(Rebecca)

«ROBERT KOCH»
(Robert Koch, der Bekämpfer des Todes)

«TORMENTA A BORDO»
(The Long Voyage Home)

«VIDA NOVA»
(Dodge City)

Os actores

- CHARLES LAUGHTON
(Pela sua interpretação em «O Outro»)
- EMIL JANNINGS
(em «Robert Koch»)
- HENRY FONDA
(em «As 3 noites de Eva» — The Lady Eve — e «Jezebel, a insubmissa»)
- JAMES STEWART
(em «A Cidade Turbulenta», «A Loja da Esquina», «Compra-se um marido» e «Peço a Palavra»)
- LAURENCE OLIVIER
(em «A Batalha de Trafalgar», «Orgulho e Preconceito» e «Rebecca»)
- MICKEY ROONEY
(em os filmes da série «Família Hardy», «O Rei da Alegria» — Strike up the band — e Tom Edison, o pequeno génio — Young Tom Edison)

ORSON WELLES
(em «O Mundo a seus pés»)

RONALD COLMAN
(em «Carolina, a doida» — My life with Caroline — «Luz que se apaga» — The Light that failed — e «Sorte Grandes» — Lucky Partners)

SPENCER TRACY
(em «A Passagem do Noroeste» e «A Vida de Edison»)

As actrizes

- BETTE DAVIS
(Pela sua interpretação em «Jezebel», a insubmissa e em «Raposa Matreira»)
- BETTY FIELD
(em «As Mãos e a Morte» e «Fugidos do Mundo» — Victory)
- CAROLE LOMBARD
(em «O Outro»)
- GINGER ROGERS
(em «Kitty, a rapariga da gola branca»)
- GREER GARSON
(em «Orgulho e Preconceito»)
- JEAN ARTHUR
(em «O Diabo e a Menina»)
- JOAN FONTAINE
(em «Rebecca»)
- MARGARET SULLAVAN
(em «A Loja da esquina»)



A TAÇA DO ANIMATÓGRAFO 1940 executada nas oficinas de «Pratas de Arte» segundo um desenho do pintor António Soares, foi atribuída ao filme «O Monte dos Ventavais»

PAULA WESSELY
(em «Toda a vida» — Ein Leben lang)

VIVIEN LEIGH
(em «A Batalha de Trafalgar»)

Nos próximos números, até à atribuição da Taça e das Medalhas, lembrem-se a mecânica da votação, os nomes dos membros dos júris, etc.

ENCONTROS E DESENCONTROS DO CINEMA PORTUGUÊS

A mulher portuguesa E O CINEMA

Há um filme ou uma novela, ou uma novela e um filme, filme que nunca vi, ou novela que nunca li, com este título sugestivo e intrigante: «Os homens preferem as loiras».

Não sei com que autoridade ou argumentos, enredo ou divagação, observação ou estudo, defende, impõe, o autor da novela ou filme, a decisiva consagração das loiras, nas preferências dos homens, sem que um inquérito, um plebiscito, um vasto e categorico movimento da humanidade masculina tivesse percorrido a Terra, bramindo ou enchendo urnas, proclamando ou elegendo, afirmando, enfim, pela esmagadora maioria de votos, ou pela inevitável agitação das multidões arrebatadas, a viva, a evidente predilecção dos homens pelos cabelos dourados ou cor de estrigas de milho, pelos olhos azuis, pelas peles rosadas...

Hoje, de resto, parece um tanto pueril qualquer discussão ou preferência a este respeito, porque todos nós conhecemos loiras que já foram trigueiras,

trigueiras que já foram loiras, e quasi conseguem, até, mudar a cor aos olhos...

E lembro-me, a propósito, das mais inúteis conversas da mocidade, acerca de tipos de mulheres, e dum velho amigo que, depois de cada um ter defendido e feito o elogio do seu tipo de gorda ou magra, alta ou baixa, loira ou trigueira, rematava, judiciosamente: «Eu, gosto de todas as mulheres bonitas...».

O português que ainda, até nos grandes meios, é um pouco provinciano, em reminiscências do canto bisbilhoteiro e maldizente da botica sertaneja, parando a certas esquinas e portas de lojas, nas horas ociosas, observando e comentando, fazendo crítica fácil e fácil maledicência, tem estabelecido, muitas vezes, o princípio de que Portugal não é terra de mulheres bonitas.

Mas se o mesmo português atravessa o Rossio, para na Rua do Ouro ou sobe a Avenida, reparando indiscretamente nas senhoras estrangeiras que encontra, diz ao primeiro amigo com quem conversa como achou extraordinário que não tenha visto, entre todas essas senhoras, uma só que fosse indiscutivelmente bonita.

Encontrando-nos, porém, na presença do frequentador de cinema, é mais que certo termos nele um admirador incondicional da formosura estranha, das «estrélas» americanas, alemãs ou francesas, não perdendo a ocasião de dizer: «disto não temos nós cá».

Pois não; não temos formosuras francesas, alemãs ou americanas...

E preciso notar que cada um de nós habituou-se a achar banais as coisas mais belas, ou a ser exigente a respeito delas, só porque as vemos todos os dias. E achamos superior qualquer banalidade estranha ou qualquer elegância alheia, só porque é uma surpresa para nós.

Ora Portugal tem, como os outros países, mulheres bonitas, graciosas e fotogénicas, e não é preciso ir a procura delas, para as encontrar, como quem faz descobrimentos, porque podemos surpreendê-las a cada instante, nas ruas das cidades e nas aldeias, na loja de modas, na casa de chá e trabalhando nos campos, nas suas estilizadas e requintadas de bom gosto e na sua espontaneidade franca, risonha e cheia de saúde e vigor.

Do norte ao sul de Portugal, variando sensivelmente, como as paisagens, os costumes, as condições de vida, os climas os ambientes, encontramos, nos recatos da sua intimidade, ou na agitação das suas sortidas exteriores, os mais diferentes e característicos tipos de mulher, com a essência de graças femininas, que é por natureza universal, e as particularidades

reveladoras de inconfundível personalidade sentimental e de espírito.

As nossas províncias, estão cheinhas de mulheres formosas, loiras e trigueiras, mulheres de todas as classes e condições.

E sabem sorrir e chorar, e têm os seus caprichos e as suas renúncias heróicas, e cantam, e sofrem, e gostam e desgostam, e amam, e vivem, com o seu encanto peculiar e original.

Sendo assim, porque temos em consideração a mulher portuguesa dificilmente adaptável às interpretações de cinema, interpretações de si própria, no seu próprio estilo?

Essa possibilidade está, de resto, verificada em todos os filmes portugueses, a que podem apontar-se deficiências, mas em que não falta a graça, a vivacidade, a fantasia, a emoção, o coração e o espírito da mulher portuguesa.

Também vai longe o tempo em que Eça de Queiroz, em «As Farpas», nos descrevia, com a sua superior e finíssima ironia, o tipo geral da menina solteira de Lisboa, com estas palavras desgostosas e desgostantes: «É um ser magrito, pálido, metido dentro de um vestido de grande puff, com um penteado laborioso e espesso, e movendo os passinhos numa tal fadiga que mal se compreende como poderá jámas chegar ao alto do Chiado e da vida».

O primeiro sinal saliente é a anemia. A palidez, as orelhas, o peito deprimido, o ar murchado — revelam um ser devastado por apetites e sensibilidades mórbidas. Ora, entre nós, as raparigas não têm saúde, Magrinhos, enfadadas, sem sangue, sem carne, sem força vital — umas padecem de nervos, outras de estômago, outras do peito e todas da clorose que ataca os séres privados de sol.

Em primeiro lugar não respiram. Os seus dias são passados na grelha de um sofá, com as janelas fechadas; ou percorrendo num passinho de madeira a Baixa e a sua poesia.

Depois, não fazem exercício.

Nem já, talvez, as ruas da Baixa se lembrem dessas figurinhas pálidas, anémicas, hesitantes, sem iniciativa e sem graça, ao verem passar, caminhando com firmeza, marchando com passos seguros e sem cansaço até ao alto do Chiado e da vida, as raparigas de hoje, desenvoltas, activas, olhando desasombroadamente as pessoas e as circunstâncias, com desembaraço e com saúde. Estas raparigas, contrariando, decerto, as suas avós, que o Eça conheceu meninas solteiras, usam muito pouco o chapéu, erguem a cabeça, com os cabelos cortados e soltos, deixando os ombros no seu lugar, fazem da firmeza das suas atitudes, do relevo dos



—O mamã, não esteja tão impressionada. Isto é apenas uma fita de actualidades. (Desenho de HUPFINE)

(Conclui na 6.ª página)

o tempo de Bel-Tenebrosos

1460 — MARIAZINHA (Barcelona). — Plazete muito bem em escrever-me. Ainda bem que venço esta hesitação! — Graça Maria tem dezanoos anos. Igrejas Caetano, 25. — E escreve sempre que te apetece. Gostosamente te responderei.

1461 — I LOVE SHIRLEY TEMPLE (Columbra). — A «tua» Shirley Temple não está retirada da tela. Não desanimas, pois. Daremos, qualquer dia, o seu retrato, em separata.

1462 — JOMALOMO (Guimarães). — Ginger Rogers, em regra, só envia fotos a troco de dinheiro. Não te aconselho, porém, que formule agora o pedido, dadas as condições anormais que estamos atravessando. No entanto, aqui fica o endereço: RKO-Radio Studios, 780, Gower Street, Hollywood, Califórnia.

1463 — SABU (Chaves). — O parceiro da Dorothy Lamour em «Fetico do Trópico» foi Ray Milland, que pertence, de facto, ao elenco da Paramount. — Não te aconselho a que escrevas agora à Danielle Darrieux, cujo endereço, aliás, ignoro.

1464 — EL ESTUDIANTE (Lisboa). — Na casa «Kodak» e «Pathe Baby» poderás obter gratuitamente catálogos completos sobre preços das diversas máquinas de formato reduzido. — Este leitor tem à venda números manuscritos do seu jornal «O Mundo cinematográfico», ao preço de \$80, cada exemplar.

1465 — DR. CYCLOPSE (Senhora da Hora). — O novo amor de Andy Hardy é, na minha opinião, o melhor filme da série da «Família Hardy». — A trucação de Dr. Cyclops é, de facto, magnífica, e atesta, como muito bem dizes, as possibilidades do cinema, nos domínios da fantasia.

1466 — ROUXINOL CINEFILO (Lisboa). — Para colaborar na «Página dos Novos» não tens que pedir autorização, mas sim, e apenas, enviar um artigo que seja digno de semelhante distinção. — Bing Crosby: Paramount Studios, Hollywood, Califórnia. Não me parece o momento asado para solicitar essa foto.

1467 — IMPERATRIZ DA FARRA (Pôrto). — A julgar pelo pseudónimo, tens costela de brasileira. — Começo por te dizer que muito gostei de saber que há muito ansiavas por me escrever, e só te não perdó, que o não hajias feito há mais tempo. — Transmito as tuas saudações a todos os leitores da nossa revista.

1468 — DINHAMÁ (Lisboa). — Obrigado pela excelente foto da Lamour. Está altiva como uma Deusa da Grécia Antiga, com um ar «soberano», que lhe desconheço. — Quando converso com ela, não costuma olhar-me com tanta superioridade. — Qual o meu escritor favorito? Eça de Queiroz. Ao pé dele, acho todos os outros pequenos! — Não desanimas com a demora das respostas. Todas as leitoras e leitores sentem o mesmo desconcho que tu, com o inevitável atraso da correspondência. Que poderemos fazer?

1469 — DEANNÓFILO (Pôrto). — Tomo nota de que recebeste uma foto da Judy Garland, 71 dias depois de lhe haveres escrito, a solicitá-la, e que acompanhaste o pedido de envio de 10 cents, em selos americanos. — A Deanna Durbin está a provar a verdade da afirmação feita pelo seu professor de canto: continua a trabalhar! O casamento não prejudicou a sua carreira.

1470 — MÁRIO F. ROSÁRIO (Lisboa). — Para ingressares nas hostes da presente secção, basta escrever-me uma carta. Ficas, implicitamente, com direito à resposta. — Para obteres a foto da Dorothy o melhor é solicitá-la, directamente. Escreve-lhe, em português, para a Paramount Studios, Hollywood, Califórnia, e envia, dentro da carta um selo de 10 cents, se quiseres ter a certeza de que ela te responderá.

1471 — ESTRELA DE ALVA (Lisboa). — Acho este teu pseudónimo, como dizes, «muito mais poético» que o precedente. — Pelo que me contas, tens visto bons filmes. Um milhão de anos antes de Cristo também me desiludiu. O filme não só prova que, nesse tempo, já havia amor, como ainda que as maquiagens de 1941. — Transmito as tuas saudações a Pinnochia, Dinhamá, Garota de Lisboa e Donnanfer.

1472 — JOSÉ AMARO. — Na Papelaria da Moda, na Tabacaria do Camões, há à venda, postais de artistas de cinema. Deves procurar obter, aí, as fotos que te interessam. A papelaria do Camões tem uma grande colecção.

1473 — JUDY GARLAND N.º 2. — Hello, Judy! — Anna Neagle está actualmente em Inglaterra. Ignoro o seu endereço. — Paul Muni: Warner-First Studios, Burbank, Califórnia. — Mickey, Judy e Shirley vão aparecer em Babes on Broadway. — Transmito as tuas saudações a Zé Fernandes, Ricardo, coração de Elfante e Jesse James.

1474 — LEVADO DA BRECA (Lisboa). — Fico ciente de que continas cada

Toda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSOS — Redacção de «Animatógrafo» R. do Alecrim, 65 — Lisboa

vez mais zangada comigo. O que, deixame dizer-te não me afflige muito, por que sei distinguir quando effizes palavras vem da boca e do coração... — Achei lindo o teu sonho e evocado com excepcional poder descriptivo... — Selznick manifestou, em tempos, a intenção de filmar Joana d'Arc, em tenebrico. Mas nunca mais tornou a expor semelhante projecto. — Não me consta que a Lisboa-Filme tenebrico, por agora, produzir um novo filme de grande metragem. Quanto à mãe de Patricia Morrison, nada sei... Apenas que a devemos bendizer por haver dado ao mundo uma filha tão bela e tão graciosa.

1475 — CINEMÓFILO (Lisboa). — Animatógrafo dá sempre conta dos resultados das votações, referentes a filmes e artistas, que se fazem pelo mundo fora. — Não tenho bem presente a cena de A Grande Ilusão a que te referes. Impossível, por isso esclarecer-te, muito embora vá tentar informar-me do facto que esaranhaste.

1476 — SR. GRILLO (Lisboa). — Podes escrever a Joan Fontaine para a R. K. O. — Radio Picture, 780, Gower Street, Hollywood, Califórnia. — Quanto aos outros assuntos da tua carta, relacionados com o aspecto gráfico da nossa revista, infelizmente já perderam a oportunidade.

1477 — CALOIRO CINEFILO (Columbra). — O facto de não haver referendums para a publicação das separatas dos artistas, cujas fotos Vv. mais desejam, não impede que sempre que me escrevam, ou, num simples postal dirigido ao Director do «Animatógrafo», solicitem a inserção das fotos dos vossos favoritos. Estou-lhes certos de que os pedidos serão tomados na devida conta. — A meu ver, A Ideia das Ilusões, com o seu conflitosinho tão humano e «chors-árie», não deve considerar-se o pior filme da Deanna Durbin. Na minha opinião, Data Memorável é o mais fraco. — Não estou de accordo contigo, quando consideras a Greta Garbo, a Bette Davis, a Louise Rainer, a Carol Lombard e a Ginger Rogers como as cinco melhores vedetas femininas da tela. A Garbo, a Bette e a Ginger podem figurar, indistinctivamente, no número das cinco. Mas as outras duas, não!

1478 — GULLIVER. — (Lisboa). — Se te não apparece, amigo. — Gone with the Wind não será apresentado em Portugal, antes de terminada a guerra. Se fôres capaz de me dizer quando é que esta acaba, talvez te possa dar algumas informações sobre a data provável da estreia... — Ingrid Bergmann é a protagonista de Tempestade, filme cuja exhibição está marcada para o corrente ano. — Suponho que Ala, Arribal não dar, de facto, um filme de excepcional interesse sob o ponto de vista documental dos costumes e vida dos povos, que me dizes conhecer de perto. — No cinema português há deslizes, iguaisinhos aos do cinema estrangeiro. Porque não os notas nos filmes ingleses e americanos? Por variadas razões, entre as quais as de conheceres muito melhor os assuntos versados nas produções nacionais.

1479 — CAVALheiro DE RAGASTENS (Lamego). — Compreendo perfeitamente o teu entusiasmo pelo jornalismo, e, em especial, pelo jornalismo cinematográfico. Admito, que um dia te conte o número dos meus colegas. Eu, e muitos outros, começámos como tu poderás começar... — Gostaria bem de possuir um exemplar do livro que me falas da autoria de J. Castillo. Poderás dizer-me onde se vende, ou qual foi a casa editora? — Quais todas as vedetas portuguesas que enviavas fotos o fazes, graciosamente. Simplesmente, nem todas ligam a importância que seria de desejar ao interesse que os cinefillos portugueses têm por elas.

1480 — TOM EDISON, O PEQUENO GENIO (Pôrto). — Estás apresentado, leitor amigo. O teu pseudónimo não me parece mal. Mas porque não adoptas, de preferência, nomes portugueses?! — Escreve a Betty Grable para 20th Century Fox Studios, Box 900, Beverly Hills, Califórnia. — O Warner Baxter, excelente actor, mas não da minha simpatia, tem andado, de facto, um pouco arredo das nossas telas.

1481 — MARIA DO MONTE (Adelphi). — Ora aqui está um pseudónimo em por cento lusiada! Gostei muito de ler a tua carta, Maria do Monte, Praza a Deus, que hajias tido a pachorra de esperar pela resposta, e que a encontres agora, tantos meses volvidos sobre a data em que me escreveste! — Tenho pena de não conhecer a tua aldeiazinha minhota. Um dia seer, pela certa, quando o acaso dum viajante o proporcionar. — Todos nós, redac-

tores de Animatógrafo, agradecemos as tuas boas palavras amigas!

1482 — SERRANA DOS OLHOS NEGROS (Vieira). — Tenho o maior prazer em contar-te no número das minhas leitoras, tanto mais que o retrato que de ti fazes é extraordinariamente simpático. Fica pois assente que me escreverás quantas vezes quiseres, desde que tenhas paciência e não desanimas com a demora das respostas.

1483 — DUARTE MARVEL (Pôrto). — De todos os pseudónimos que citas prefiro este. E não deixa de ter a sua graça ser o teu nome estropiado pela Ginger Rogers, ou pela secretária da famosa artista. De facto, lá pela América elas não conhecem «Manuel», mas sim «marvels», que é uma marca de cigarros... — Fiquei babadinho com o tratamento que me dás! «Pêrola dos carteiros!» Que mimo!... O que vale é que nem todas as leitoras assim me consideram, pois, de vez em quando, é cada descompostura... E isso me impediu de pôr em prática uma iniciativa que me renderia honorários chorudos! Com effeito, eu tinha pensado ir entregar a cada um de vós, neste fim de ano, um cartão que rezasse assim: «Bel Tenebrosos, carteiro desta área cinéfila, deseja muito Boas-Festas a V. Ex.ª e a toda a Ex.ª Família... mas, como te digo, desisti!... E o pior é que já tinha comprado um traço de «carteiro desta área», com trompa dobrada no boné e ampla capa de conspirador, para me proteger do rigor das intempéries. Para o ano será...»

1484 — DR. CICLOPE II (Pôrto). — Tenho muito prazer em acceher-te nestas colunas. Como, porém, há outro leitor que adoptou para pseudónimo o nome do tenebrico médico que, em plena selva, se entretinha a reduzir a 30 centímetros de altura os mortais que lhe calam nas mãos, peço-te o favor de escolheres outro pseudónimo, para evitar confusões. — Helen Gilbert: Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia.

1485 — PERNAMBUCANO SONHADOR (Columbra). — Lobos da Serra está pronto. A sua estreia effectuar-se-á dentro em breve. — Ann Sheridan tem vinte e quatro anos. — 1486 — MARIA DA SAUDE. — Tenho o maior prazer em contar-te no número das minhas consulentes. — Note que irjevas a Dorothy Lamour por causa... do Ray Milland. Como o mundo está cheio de contradições, ou invejo o Ray por causa da Dorothy, Não sou a pessoa mais indicada para te dar notícias frescas da «Dothy». A meu ver, deverás dirigir-te de preferência ao Greg Bautzer. Porque embora ela prefira o Ray na tela, opta pelo Greg na vida real... se quisesse fazer um trocadilho barato, dir-te-ia que ela gosta de se ver «Greg...». — Transmito as tuas saudações a Benjamina e Maria Cotovia.

1487 — MELITA (Lisboa). — Tive muito prazer em ler a tua carta. Há muito que não apparecia nenhuma, na montanha que se acumula na minha mesa. — Vejo que continua a ser uma fiel frequentadora dos nossos cinemas, e que vai vendo bons filmes. Nos perturbados tempos que vão correndo, não há distração que se compare com aquela que a tela nos proporciona. Dir-se-ia que o cinema nos transporta aos bons tempos em que a Paz reinava sobre os Homens. — Peço-lhe que vá escrevendo sempre e que não interprete a demora das respostas doutra forma que não seja aquela que a justifica: mais de 1.500 cartas (juro-lhe que não engano!) que aguardam a tua vez!

1488 — SEMPRE AS DUAS (Lisboa). — James Stewart é um actor excepcional! Tanto na Cidade Turbulenta, como em Peço a Palavra, Compra-se um marido, as suas criações impoem-se sob todos os aspectos! Por mim, penso que o James Stewart que a tela nos revela é a imagem gêmea do actor, na sua vida real. — Neste momento, O Ladrão de Bagdad, O Rei da Alegria e Desfilé da Primavera são os filmes que mais vos recomendo!

1489 — ROSINHA DE TOCAR (Columbra). — A experiência, pelo visto, já te ensinou que nunca deves desesperar, ante a demora das respostas. Tarde, sim, mas apparece sempre. — Tive pena de ti, ao saber a dificuldade com que lutas, para ler a nossa revista. — Não deve ser verdadeira a notícia de que a Metro pensa fazer uma nova versão de Rose Marie, demais com o Nelson Eddy e a Jeannette MacDonald. A versão cinematográfica da celebre opereta tem, quando muito, seis anos...

1490 — MARIA DO MONTE (Adelphi). — Ora aqui está um pseudónimo em por cento lusiada! Gostei muito de ler a tua carta, Maria do Monte, Praza a Deus, que hajias tido a pachorra de esperar pela resposta, e que a encontres agora, tantos meses volvidos sobre a data em que me escreveste! — Tenho pena de não conhecer a tua aldeiazinha minhota. Um dia seer, pela certa, quando o acaso dum viajante o proporcionar. — Todos nós, redac-

tores de Animatógrafo, agradecemos as tuas boas palavras amigas!

1491 — SERRANA DOS OLHOS NEGROS (Vieira). — Tenho o maior prazer em contar-te no número das minhas leitoras, tanto mais que o retrato que de ti fazes é extraordinariamente simpático. Fica pois assente que me escreverás quantas vezes quiseres, desde que tenhas paciência e não desanimas com a demora das respostas.

1492 — DUARTE MARVEL (Pôrto). — De todos os pseudónimos que citas prefiro este. E não deixa de ter a sua graça ser o teu nome estropiado pela Ginger Rogers, ou pela secretária da famosa artista. De facto, lá pela América elas não conhecem «Manuel», mas sim «marvels», que é uma marca de cigarros... — Fiquei babadinho com o tratamento que me dás! «Pêrola dos carteiros!» Que mimo!... O que vale é que nem todas as leitoras assim me consideram, pois, de vez em quando, é cada descompostura... E isso me impediu de pôr em prática uma iniciativa que me renderia honorários chorudos! Com effeito, eu tinha pensado ir entregar a cada um de vós, neste fim de ano, um cartão que rezasse assim: «Bel Tenebrosos, carteiro desta área cinéfila, deseja muito Boas-Festas a V. Ex.ª e a toda a Ex.ª Família... mas, como te digo, desisti!... E o pior é que já tinha comprado um traço de «carteiro desta área», com trompa dobrada no boné e ampla capa de conspirador, para me proteger do rigor das intempéries. Para o ano será...»

1493 — DR. CICLOPE II (Pôrto). — Tenho muito prazer em acceher-te nestas colunas. Como, porém, há outro leitor que adoptou para pseudónimo o nome do tenebrico médico que, em plena selva, se entretinha a reduzir a 30 centímetros de altura os mortais que lhe calam nas mãos, peço-te o favor de escolheres outro pseudónimo, para evitar confusões. — Helen Gilbert: Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia.

1494 — PERNAMBUCANO SONHADOR (Columbra). — Lobos da Serra está pronto. A sua estreia effectuar-se-á dentro em breve. — Ann Sheridan tem vinte e quatro anos. — 1495 — MARIA DA SAUDE. — Tenho o maior prazer em contar-te no número das minhas consulentes. — Note que irjevas a Dorothy Lamour por causa... do Ray Milland. Como o mundo está cheio de contradições, ou invejo o Ray por causa da Dorothy, Não sou a pessoa mais indicada para te dar notícias frescas da «Dothy». A meu ver, deverás dirigir-te de preferência ao Greg Bautzer. Porque embora ela prefira o Ray na tela, opta pelo Greg na vida real... se quisesse fazer um trocadilho barato, dir-te-ia que ela gosta de se ver «Greg...». — Transmito as tuas saudações a Benjamina e Maria Cotovia.

1496 — MELITA (Lisboa). — Tive muito prazer em ler a tua carta. Há muito que não apparecia nenhuma, na montanha que se acumula na minha mesa. — Vejo que continua a ser uma fiel frequentadora dos nossos cinemas, e que vai vendo bons filmes. Nos perturbados tempos que vão correndo, não há distração que se compare com aquela que a tela nos proporciona. Dir-se-ia que o cinema nos transporta aos bons tempos em que a Paz reinava sobre os Homens. — Peço-lhe que vá escrevendo sempre e que não interprete a demora das respostas doutra forma que não seja aquela que a justifica: mais de 1.500 cartas (juro-lhe que não engano!) que aguardam a tua vez!

1497 — SEMPRE AS DUAS (Lisboa). — James Stewart é um actor excepcional! Tanto na Cidade Turbulenta, como em Peço a Palavra, Compra-se um marido, as suas criações impoem-se sob todos os aspectos! Por mim, penso que o James Stewart que a tela nos revela é a imagem gêmea do actor, na sua vida real. — Neste momento, O Ladrão de Bagdad, O Rei da Alegria e Desfilé da Primavera são os filmes que mais vos recomendo!

1498 — ROSINHA DE TOCAR (Columbra). — A experiência, pelo visto, já te ensinou que nunca deves desesperar, ante a demora das respostas. Tarde, sim, mas apparece sempre. — Tive pena de ti, ao saber a dificuldade com que lutas, para ler a nossa revista. — Não deve ser verdadeira a notícia de que a Metro pensa fazer uma nova versão de Rose Marie, demais com o Nelson Eddy e a Jeannette MacDonald. A versão cinematográfica da celebre opereta tem, quando muito, seis anos...

1499 — MARIA DO MONTE (Adelphi). — Ora aqui está um pseudónimo em por cento lusiada! Gostei muito de ler a tua carta, Maria do Monte, Praza a Deus, que hajias tido a pachorra de esperar pela resposta, e que a encontres agora, tantos meses volvidos sobre a data em que me escreveste! — Tenho pena de não conhecer a tua aldeiazinha minhota. Um dia seer, pela certa, quando o acaso dum viajante o proporcionar. — Todos nós, redac-

tores de Animatógrafo, agradecemos as tuas boas palavras amigas!

1500 — SERRANA DOS OLHOS NEGROS (Vieira). — Tenho o maior prazer em contar-te no número das minhas leitoras, tanto mais que o retrato que de ti fazes é extraordinariamente simpático. Fica pois assente que me escreverás quantas vezes quiseres, desde que tenhas paciência e não desanimas com a demora das respostas.

1501 — DUARTE MARVEL (Pôrto). — De todos os pseudónimos que citas prefiro este. E não deixa de ter a sua graça ser o teu nome estropiado pela Ginger Rogers, ou pela secretária da famosa artista. De facto, lá pela América elas não conhecem «Manuel», mas sim «marvels», que é uma marca de cigarros... — Fiquei babadinho com o tratamento que me dás! «Pêrola dos carteiros!» Que mimo!... O que vale é que nem todas as leitoras assim me consideram, pois, de vez em quando, é cada descompostura... E isso me impediu de pôr em prática uma iniciativa que me renderia honorários chorudos! Com effeito, eu tinha pensado ir entregar a cada um de vós, neste fim de ano, um cartão que rezasse assim: «Bel Tenebrosos, carteiro desta área cinéfila, deseja muito Boas-Festas a V. Ex.ª e a toda a Ex.ª Família... mas, como te digo, desisti!... E o pior é que já tinha comprado um traço de «carteiro desta área», com trompa dobrada no boné e ampla capa de conspirador, para me proteger do rigor das intempéries. Para o ano será...»

1502 — DR. CICLOPE II (Pôrto). — Tenho muito prazer em acceher-te nestas colunas. Como, porém, há outro leitor que adoptou para pseudónimo o nome do tenebrico médico que, em plena selva, se entretinha a reduzir a 30 centímetros de altura os mortais que lhe calam nas mãos, peço-te o favor de escolheres outro pseudónimo, para evitar confusões. — Helen Gilbert: Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia.

1503 — PERNAMBUCANO SONHADOR (Columbra). — Lobos da Serra está pronto. A sua estreia effectuar-se-á dentro em breve. — Ann Sheridan tem vinte e quatro anos. — 1504 — MARIA DA SAUDE. — Tenho o maior prazer em contar-te no número das minhas consulentes. — Note que irjevas a Dorothy Lamour por causa... do Ray Milland. Como o mundo está cheio de contradições, ou invejo o Ray por causa da Dorothy, Não sou a pessoa mais indicada para te dar notícias frescas da «Dothy». A meu ver, deverás dirigir-te de preferência ao Greg Bautzer. Porque embora ela prefira o Ray na tela, opta pelo Greg na vida real... se quisesse fazer um trocadilho barato, dir-te-ia que ela gosta de se ver «Greg...». — Transmito as tuas saudações a Benjamina e Maria Cotovia.

1505 — MELITA (Lisboa). — Tive muito prazer em ler a tua carta. Há muito que não apparecia nenhuma, na montanha que se acumula na minha mesa. — Vejo que continua a ser uma fiel frequentadora dos nossos cinemas, e que vai vendo bons filmes. Nos perturbados tempos que vão correndo, não há distração que se compare com aquela que a tela nos proporciona. Dir-se-ia que o cinema nos transporta aos bons tempos em que a Paz reinava sobre os Homens. — Peço-lhe que vá escrevendo sempre e que não interprete a demora das respostas doutra forma que não seja aquela que a justifica: mais de 1.500 cartas (juro-lhe que não engano!) que aguardam a tua vez!

1506 — SEMPRE AS DUAS (Lisboa). — James Stewart é um actor excepcional! Tanto na Cidade Turbulenta, como em Peço a Palavra, Compra-se um marido, as suas criações impoem-se sob todos os aspectos! Por mim, penso que o James Stewart que a tela nos revela é a imagem gêmea do actor, na sua vida real. — Neste momento, O Ladrão de Bagdad, O Rei da Alegria e Desfilé da Primavera são os filmes que mais vos recomendo!

1507 — ROSINHA DE TOCAR (Columbra). — A experiência, pelo visto, já te ensinou que nunca deves desesperar, ante a demora das respostas. Tarde, sim, mas apparece sempre. — Tive pena de ti, ao saber a dificuldade com que lutas, para ler a nossa revista. — Não deve ser verdadeira a notícia de que a Metro pensa fazer uma nova versão de Rose Marie, demais com o Nelson Eddy e a Jeannette MacDonald. A versão cinematográfica da celebre opereta tem, quando muito, seis anos...

1508 — MARIA DO MONTE (Adelphi). — Ora aqui está um pseudónimo em por cento lusiada! Gostei muito de ler a tua carta, Maria do Monte, Praza a Deus, que hajias tido a pachorra de esperar pela resposta, e que a encontres agora, tantos meses volvidos sobre a data em que me escreveste! — Tenho pena de não conhecer a tua aldeiazinha minhota. Um dia seer, pela certa, quando o acaso dum viajante o proporcionar. — Todos nós, redac-

Algumas afirmações definitivas de Louis Delluc (1923)

Aquelas para quem o Cinema é alguma coisa mais que um passatempo sem consequências não podem ignorar o nome de Louis Delluc, o primeiro escritor que viu em, melhor: adivinhação — todo o alcance da arte das imagens. Falocido em 1923, depois de ter dado ao Cinema algumas das suas melhores páginas, quer no papel, quer no celuloide (pois Delluc foi o autor dessas quatro pequenas obras-primas que se intitulam La Fête Espagnole, Le Silence, Fièvre e La Femme de Nulle Part), o autor de Cinema & C. deixou à gente dos filmes um verdadeiro tesouro por herança: a visão mais limpa e aguçada do espectáculo cinematográfico, tal como elle o concebia e explicava, e que, embora Delluc se limitasse à arte do silêncio, se mantém intacta através de todos os progressos da sonoridade.

Para o provar, basta ter estas afirmações definitivas, extrahidas do prefacio do seu livro Dramas de Cinema (Aux Editions du Monde Nouveau, Paris, 1923), com que «Animatógrafo» tem a honra de inaugurar a sua Antologia.

Actualmente, a única maneira de ver a sua ideia realizada é possuir a fortuna suficiente ou os banqueiros bastante inteligentes para custearem as despesas.

Isso não é portanto impossível, e os escritores de movies fariam mal em perder a coragem.

Pensem nos compositores, cujas obras de juventude foram tocadas quando elles tinham cincoenta anos. No cinema, os velhos não têm o lugar que lhes consente o teatro e a ópera. O cinema é para os espiritos jovens. Tudo o que não é jovem não lhe assenta bem.

Uma obra escrita para o cinema não se compra nada, é gentes, com o librete que anima ou esmaga o compositor. Nem tão pouco com o argumento sobre o qual devaneiam o mestre de dança ou o mimo. O drama de cinema existe por si mesmo. Se o seu «imaginário» lhe cortar uma linha ou o ilustrar com inexactidão, demonstrará ser tão tóio como os actores que mutilam o texto dos seus papéis.

Em verdade, aquelle que escreveu um drama para o cinema deve realizá-lo elle próprio. A sua concepção proposada, intelligente e precisa, nada vale nas mãos dos imbecis, quero dizer da maioria dos filmadores. Se elle vai parar ás mãos dum dos seus iguais, esse mesmo adaptará-se a mal à execução rigorosa dum obra que não é sua: o recém-chegado procurará ao lado, fora, acima da coisa. O resultado será um mal-entendido.

A maioria dos autores de dramas cinematográficos hesita em o filmar por suas mãos. Uma curta mas áspera experiência permite-me afirmar-lhes que fazem

mal. Primeiro, porque, conforme acabá de dizer, há poucas probabilidades de que os seus tradutores os compreendam. Depois, porque o facto de ter pensado e sentido uma composição visual é o mais seguro garante de que saberão executá-la.

É preciso compreender que a técnica de realização dum filme é muito simples, mesmo para o aprendiz. Só precisa de duas coisas: 1.º Saber o que ve ou o que deve ver. 2.º Trabalhar num estúdio e com uma aparelhagem absolutamente eficaz. Isto é talvez mais raro do que aquilo.

Experimentem. É curioso o facto dos países onde o cinema e realmente tomou a serio produzirem tão poucos dramas concebidos cinematographicamente.

Os argumentos americanos originaes são bastante mediocres, á excepção dos de Chaplin, mas esses não são senão monologos saídos dum forte e flexivel personalidade, e concebidos ás dimensões do talento.

Em França, apesar das belas invenções dramáticas de Abel Gance, de Marcel L'Herbier, de Léon Poirier e de alguns mais, a desconfiança dos produtores é cada vez maior em relação a tudo o que não é adaptado. Não tem razão.

Os produtores não o sabem. Julgam sufficiente anunciar: «Isto é adaptado de qualquor coisa» para atrair a multidão. Erro que lhes há de sair caro...

Não se trata de renunciar ás adaptações. Mas é inadmissivel que este país (1), que renuncia tão alegremente á criação dos seus jovens talentos, aceite realizações mediocres onde não se reconhecem nem o sabor do romance, nem a personalidade da raça.

Adaptem, está muito bem; mas comecem por saber que isso é muito difficil.

Há de haver, brevemente, belos dramas de cinemas. Mas haverá mais alguma coisa. Há de ver-se sempre obras mediocres, ou estúpidas, ou abjectas, e será justo, humanamente justo, que elas ganhem dinheiro.

Mas os romances mais idiotas sendo os mais difficil de adaptar serão geralmente confiados aos cineastas mais nulos.

(Conclui na 5.ª página)

Missão dum jornal

(Concluido da 1.ª página)

res pessoas, — muito mais anjinhos. Não fazemos nada disso. Nem damos sorte, que não a temos, nem fazemos greve, que é proibido, nem letreiro, que pouca gente sabe ler e a que sabe não acredita. Casa Branca não temos, graças a Deus. Na Casa que cá existe, quem lá mora

tem tido até aqui muito mais que fazer. E quando chegar a altura do Cinema — que há-de chegar! — tudo resolverá como só quem lá mora sabe fazê-lo: com equilibrio, com honestidade, com justiça. Até lá, só nos resta ir cumprindo teimosamente a nossa missão de jornalistas — a missão do «Animatógrafo». E agora que elle é mais «jornal» que nunca foi, no corpo e no espirito, quebradas as últimas barreiras da tolerância, da transigência, da paciência, apetece-nos berrar como o «denjo» do «Ladrão de Bagdad»

quando o sabre cai na arara de des-tapar a rôlha da garrafa: — «I'm free!... I'm free!...» Aqui, é a altura da gargalhada. E como ainda não se descobriu outro processo de grafar uma coisa que nos parece imprescindível, ela aí fica para a posteridade: — Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! ANTONIO LOPES RIBEIRO P. S. — Damos um doce ao es-pertalhão que nos meter outra vez dentro da garrafa.

Advertisement for Ciné-Kodak 8. Features an image of a person riding a horse and a person using a camera. Text includes: 'A vida é um film.... filmar é revivê-la, em absoluta realidade, eternamente.... Nada há que nos reiate o passado, com tanta realidade, com tanto interesse, como um filme cinematográfico. Nem um só movimento se perde. Tudo ali fica, precisamente como se passou ou aconteceu — um tesouro precioso de recordações para o futuro... Centenas de milhares de pessoas fazem hoje os seus filmes e dêles fruem enorme prazer. Não perca mais tempo. Decida-se já a filmar os acontecimentos mais importantes da vida, aqueles que se não re-pletam, que é vossa desejo lembrar para todo o sempre... KODAK, LIMITED — 33, Rua 13 Garrett — LISBOA'

A FEIRA DAS FITAS

O Rei da Alegria

Strike up the Bands

Mickey Rooney é o actor já consagrado de há muito não só pelo seu extraordinário dinamismo e poder de comunicação, como também pelas suas variadas aptidões, sempre realizadas de maneira feliz. Já o tínhamos visto interpretar comédia em todos os ritmos; já assistimos ao seu domínio das platéias em cenas dramáticas de todas as gamas, já o aplaudimos como bailarino, como cantor e como «clown». Faltava que vissemos na tela os seus talentos de executante musical e foi principalmente para isso que os produtores americanos nos deram, agora, «Strike up the Band» (O Rei da Alegria). Sabíamos já, que Mickey, rapaz bafado pelo talento e pela fortuna, consagrava as horas de descanso, entre os trabalhos árduos do estúdio, às «canseiras» da música de «jazz», por ser esta, talvez, a sua maior paixão. Não calculávamos, porém, que os treinos e estudos à volta da «caixa baterias» conduzissem a resultados de tanto valor. Os apreciadores do género têm oportunidade de ver executar alguns solos de «baterias» que não envergonhariam os profissionais especialistas americanos.

Agora esta nova manifestação da sua personalidade do trabalho de Mickey, neste filme, nada adianta aos seus créditos de actor consagrado: continua a ser grande actor, a dominar todos os segredos da sua arte e a comunicar com o público de maneira assombrosa. Mas nem sempre em «O Rei da Alegria» o material com que Mickey Rooney trabalha foi do melhor.

O GRANDE SOBA

(Conclusão da 3.ª página)

especialíssimo se não conseguisse arrancar uma entrevista durante a manhã estada em Hollywood. A dificuldade estava na escolha. Diz-me quem entrevististas, dir-te-o que vales. Ouvir das estrelas ou dos astros aquilo que eles decoraram nas secções de publicidade das respectivas empresas, não abonava os meus méritos nem acrescentaria grande coisa à cultura cinéfila do leitor.

Allan Scott era o homem indicado. Mas como acceper-me de sua excelência?

Havia, certamente, um caminho seguro: espalhar dinheiro como quem semeia batatas em zona ocupada, desde o imperial porteiro ao chefe do pessoal menor. Resolvi dispendir a minha imaginação, mesmo com risco de ela vir a fazer-me falta para esta carta. A sorte foi apanhar Scott no intervalo de dois divórcios. A ofensiva incidiu sobre o ponto mais fraco: uma loira que entrementes o perseguiu, uma loira que entrementes o perseguiu, e que eu não queria encontrar à meia-noite na Azinhaga da Fonte, porque a natureza humana tem os seus limites de resistência...

Erpus-lhe a minha situação de jornalista virgem de entrevistas. E a Daisy, traçando a perna (não é tal pormenor insignificante), extendeu-me como a selar o combinado, a mão que havia de abrir a porta mais herméticamente fechada dos Estados Unidos da América do Norte.

E ali estava o grande Soba diante de mim, disposto a satisfazer a curiosidade de todos nós.

Para que ele não me confundisse com qualquer repórter de escândalos de Hollywood, durante perto de 10 minutos falei de Cícero e de Platão, defendi Séneca com encarniçamento, recitei-lhe versos de Longfellow como sendo de Shakespeare, e quando o viu literalmente esmagado, sentei-me na cadeira mais confortável, purei do inevitável charuto, depus os pés, devidamente calçados, em cima da secretária e comeci: — «Mesmo sem falar no Torel, o meu amigo não fazia carreira em Lisboa» (textualmente: — «no place for your kind!»).

O homem gostou de tanta franqueza, porque pôs também os pés em cima da secretária e tentou explicar-me a razão de em Hollywood o talento estar na razão inversa da idade dos artistas.

Como achet os argumentos pouco satisfatórios não os deixo aqui reproduzidos. E por associação de ideias, perguntei-lhe como é arranjada os tais argumentos que conhecemos.

Allan Scott faz um vistoso esforço mental e esclarece-me:

— «Suponhamos que temos à nossa disposição uma rapariga bonita (começo a pensar que discorre bem), um galã e dez extras oriundos da Guatemala. Qual é o argumento?»

— «É a minha vez de embatucar. Por mais que cogite não me sai nada de jeito. E é, sorrindo do meu embaraço: — «É fácil. A rapariga é uma americana que veio até à Guatemala esquecer uma desilusão de amor. Nisto rebenta uma revolução (os extras metem medo, armados até aos dentes). O rapaz ingratito lê no jornal a notícia do

Apesar disso, valizou algumas cenas grandemente com poderoso génio de comediante e, dentre essas, não queremos deixar de salientar a saída de casa dos Morgan, quando sabe que a sua orquestra pode ir ao concurso das bandas escolares em Chicago.

É exactamente este concurso que serve de pretexto para movimentar toda a história e apresentar, como atracção, a orquestra de Paul Whiteman — atracção que serve principalmente para matar saudades dum velho conhecido cinéfilo que vem dos tempos do «Rei do Jazz». Quanto à história é conduzida com as maiores arbitrariedades e as estafadas situações do «rodriguinho colegial» do menino que partiu o braço e dos amigos que dão o dinheiro que tinham junto para a sua ida ao concurso. E o «papá» rico faz o gesto esperado de cobrir as despesas. E a «mamã» do menino prodígio — que se representa cenas cheias de cabotinismo — faz uma despedida lancinante em que fala, como sempre, do pai médico que já faleceu e gostava muito que o filho seguisse «a sua carreira». O rapaz ganha o concurso — claro — e fala à mãe que junto da T. S. F., em transe dramático ouve o filho falar vitorioso e fica tódia a tremer.

Busby Berkeley, velho especialista de encenações musicais — realizou esta fita que, na verdade, é boa sempre que é musical e chega mesmo a ser ótima durante a «Conga», momento máximo do filme, feliz pelo ritmo, pela interpretação enfiada de Mickey e Judy Garland e pela «escola» da realização. Todavia Busby Berkeley fraqueja sempre que a acção do filme deixa de ser musical — e grandes responsabilidades lhe cabem na maneira como carregou de pirismo dramático, da

grave acontecimento. O fogo renasce das cinzas...

Eu estou maravilhado. E o Allan a gozar o sucesso, agarra-se à frase: — «O fogo renasce das cinzas...»

O herói mete-se num avião e, no momento em que o mais mal encarado dos extras avança para a rapariga com propósitos nada vegetarianos, salva-o do apuro, distribuindo uma verdadeira saravada de socos à Joê Louisa.

Rematando: — «Como vê, há aqui todos os géneros queridos do público — amor do princípio ao fim, exotismo e desporto».

Atalho: — «Com público tão dócil, não é difícil inculcar-lhe o culto pelas estrelas...»

E ele, modesto: — «Dá trabalho, dá trabalho, mas consegue-se. O pior é quando as estrelas se convencem que têm luz própria, e quando, de facto, têm um advogado a seu lado. O grande recurso ainda é publicar nos jornais e revistas o retrato da artista com um rancho de meninos ao lado, quanto mais crescidos melhor. Não há cinéfilo que resista».

Admiro-me da sua onnipotência, o poder de ele pôr ou tirar a gola branca à Kitty Foyle, de afirmar ou negar o talento da Louise Rainer, de abrir ou fechar a porta à Katherine Hepburn ou à Bette Davis. O grande Soba!

Já não tenho mais charutos comigo. E, para terminar, pergunto-lhe, curioso: — «Qual o futuro do Cine-»

— «O filme que está para sair...»

Se isto não é uma entrevista eu não sou mais um «enviado especial».

A. DE CARVALHO NUNES

Louis Delluc

(Conclusão)

Mas um príncipe será, nove vezes em cada dez, interpretado por um cómico de revista ou por um bozeur.

★

Mas, de um dia para o outro, qualquer fúfia se baptizará «estrelas».

★

Mas os distribuidores cortarão num segundo centenas de metros dum filme cuja montagem foi para o cinema um minucioso quebra-cabeças, durante oito semanas.

★

Mas o cinema não é unicamente o albergue dos *souteneurs* em disponibilidade, dos botateiros fugidos à polícia, dos boneiros, dos actores falhados ou dos filhos de família fraquinhos dos miolos.

★

Mas um dia os exibidores não hão de ter o ar de negociantes de vinho. E hão de ter-se saudades do tempo actual, porque, se já não têm o ar, não quer dizer que...

Mas quando houver cérebros que criem para o branco e preto, os produtores hão de ainda ter a esperteza de pedir argumentos aos ilustres autores dramáticos, aos velhos romancistas, aos académicos — áqueles que, naturalmente, não percebem nada de cinema.

(?) N. da R. — Delluc referia-se à França, é claro.

por qualidade, umas tantas cenas da fita, muito especialmente aquela conversa entre mãe e filho sobre a carreira que este seguirá.

Toda a parte musical do filme apadrinhada pela famosa marcha «Strike up the Bands» que o nunca esquecido Geo Gershwin escreveu, é de boa qualidade. Roger Edens, seu principal autor, merece parabéns principalmente pela canção de Judy Garland na biblioteca. Esta actriz, pela naturalidade com que representa e pela maneira colossal com canta, e June Preisser pela sua insinuante presença e sentido de interpretação, merecem os melhores aplausos.

A pureza e a riqueza do registo de som justificam largamente o 1.º prémio que lhe foi conferido pela Academia de Hollywood. — F. G.

Carolina, a doida

(My life with Caroline)

A primeira vista dir-se-á que Hollywood anda ultimamente com a preocupação de encontrar processos originais, novos, diferentes, de contar histórias. *Kitty Foyle*, «O Mundo a seus pés», «Os amores de Joanninha», e agora *My life with Caroline* são outros tantos sintomas dessa ansia de novidade. Mas se repararmos nesses quatro exemplos, verificamos que pertencem todos à mesma firma produtora — o que nos levará a concluir que é essa empresa, e não todo Hollywood, que está atacada pela doença da originalidade. A verdade, porém, é que o fenómeno tem de facto carácter geral (note-se o indicio de «As 3 noites de Eva»), embora se manifeste por forma mais aguda em determinado estúdio.

O argumento de *My life with Caroline* baseia-se numa peça de Louis Verneuil e Georges Berr, comediógrafos parisienses de essência medularmente *boulevardière*. Verifica-se, no entanto, que a origem do argumento aparece remotamente no filme; apenas transparece quasi no recorte das personagens e da intriga, cujo temperamento nada tem de americano (foi por isso errado localizar a acção nos Estados Unidos). John Van Druten e Arnold Belgard compuseram o argumento com notável habilidade. A ideia dos comentários para o público, por parte do protagonista, é felicíssima, e toda a planificação pode considerar-se excelente.

Pena foi que esses méritos não assentem sobre matéria mais consistente e mais sa do que a inventada pelos referidos dramaturgos franceses. As person-

agens têm tódas bastante «feitas», especialmente a do marido, a da mulher e a do sogro — «feitos» esse assás fantasista, como requeria o tom geral da comédia.

A encenação foi dirigida por Lewis Milestone. Todo o jogo dos intérpretes, bem como o trabalho das filmagens, foram orientados com aquela subtilidade e aquele sentido do «tempo» que já distinguiram a sua outra comédia exibida há meses: «Sorte Grande», filme que está, além disso, bastante próximo deste pelo facto de ser baseado também numa comédia parisiense de *boulevard* (*Bonne Chance*, de Sacha Guitry), e de ser também interpretado por Ronald Colman.

Nicolai Remisoff desenhou para o filme os cenários complicados e extravagantes e do espírito do argumento requeria. Excelente a fotografia de Victor Milner e muito acertado e intencional o comentário musical de Werner Heymann.

«Carolina», «Carolina, a doida» foi personificada por uma artista do teatro inglês que entrou com este papel no firmamento cinematográfico universal: Anna Lee. Trata-se de uma loirinha muito graciosa, com verdadeiro temperamento de actriz e com um ar muito «inglês» — nas atitudes, na pronúncia, na maneira de falar. Como sucede o mesmo com Ronald Colman, a «nacionalidade» americana das personagens e da história não tem qualquer credibilidade. Colman houve-se com a distinção e a correcção impecáveis de sempre. Se mais não brilha é porque o papel mais não permite.

Charles Winninger tem também pouco que fazer, mas o que faz tem a sua inconfundível marca. Reginald Gardiner (o escultor Paul Martingale) desempenha-se satisfatoriamente da sua obrigação; mas não pôde mostrar os seus dotes de pasmoso fantasista que lhe permitiram notabilizar-se (no polícia e no mordomo melômanos de «Nasceu para dançar» e de «Uma donzela em perigo»). Gilbert Roland, famoso galã doutros tempos, faz um pequeno papel (Paço del Valle) tão bem como seria para desejar — e Matt Moore, que já foi célebre e de quem quasi ninguém se lembrará hoje, aparece numa minúscula rábula (Walters). — D. M.

Desfile da Primavera

(Spring Parade)

A situação mais usada no cinema, mais gasta, mais universal, mas sempre renovada, porque é a mais romântica de tód-

das, é a da Gata Borrallheira. Temo-la conhecido em diversos filmes com «motos» de comédia, de drama ou, simplesmente, do tipo «conto de fadas», sempre ingénuo e sentimental.

Este novo filme de Deanna Durbin pertence a esse último género, muito bem dirigido e muito bem musicado, mas abaixo da maioria das suas películas. Para os admiradores dessa jovem artista, que iniciou feliz carreira no cinema pela mão de Henry Koster, o filme terá ainda um ponto fraco: a ausência de músicas «puxadas à sustância», coisas com cheiro de ópera, tão adoradas pelos amantes do «bel-canto». Deanna canta duas valsas apenas e uma cançoneta no velho estilo — «It's silly, but its fun» — que nenhum esforço vocal exige.

Quanto ao filme propriamente dito, há que acentuar a sua comicidade permanente e irresistível. Desde as primeiras cenas até o epílogo, o espectador ri, gostosamente, com as tropelias de Deanna Durbin e dos seus companheiros. O episódio da dança da «czarda», com Mischa Auer (cujo papel lamentamos ser tão curto) constitui divertidamente achado cómico, que se prolonga no resto da fita, especialmente na cena da dança no «bar» com aquela imprevisível mudança de ritmo...

Do desempenho, depois de Deanna, há que falar de Szöke Szakall, aquele excelente actor húngaro que vimos tantas vezes nos filmes alemães, em especial nos de Francisca Gaal. É ele quem se impõe no filme, depois da jovem pupila de Andrés de Segurova. Robert Cummings volta, de novo, a contracarar com ela, mas pouco ou nada tem que fazer, pois não lhe deram mais de duas ou três cenas. Não esqueceremos, ainda, os dois garotos Butch e Buddy, e o actor Allyn Joslin — que surge na figura de um conde ridículo, semelhante áquele caixeiro que Joseph Schildkraut fez em «A Loja das Esquinas».

Não queremos terminar estas notas sobre o novo filme de Deanna Durbin, todo recheado das lindas valsas dos Strauss dos tempos felizes de Viena, sem lamentar a ruim miniatura dessa cidade à noite e a caracterização de Deanna. Chega a parecer impossível que aquele tom rebrilhante, género besuntadela de óleo, tenha saído de Hollywood... — A. F.

★
Por absoluta falta de espaço, só no próximo número poderemos publicar as críticas dos filmes «O LADRÃO DE BAGDAD» e «TODA A VIDA».

As Três Barcas De Mestre Gil

Céu



Purgatório



Inferno



Nesta Barca da Glória, que é o Céu, embarcarão tódas aquelas obras ou pessoas que, por seus méritos cinematográficos, manifestados nos filmes da semana finda, alcançem tal galardão.

Na Barca do Purgatório serão expostos, para purgar suas culpas, aquelas coisas ou seres das fitas que, não merecendo os fogos do Inferno, tenham cometido qualquer pecado que lhes vede a entrada no Paraíso cinéfilo.

A Barca do Inferno será relegado, sem quartel, com muitas chufas e pancadas do remo do Diabo, seu barqueiro, tudo o que nem com a estadia no Purgatório se poderia salvar.

O colorido de Nathalie Kalmus, a fotografia de Perinal, os cenários de Vincent Korda, a maioria dos truques de Cameron Menzies e o maravilhoso conjunto de espectáculo de O LADRÃO DE BAGDAD.

★

A seqüência da «conga» e o registo de som do filme O REI DA ALEGRIA.

A memória de GEORGE GERSHWIN, invocada no mesmo filme pela sua admirável marcha «Strike up the Bands».

★

A «czarda» ultra-cómica dançada por Deanna Durbin e Mischa Auer em DESFILE DA PRIMAVERA.

★

A interpretação de SZÖKE SZAKALL, no mesmo filme.

★

A notável interpretação de PAULA WESSELY em TODA A VIDA.

CAROLINA, A DOIDA — por não lhe terem chegado as pretensões a originalidade para criar alguma coisa de verdadeiramente novo. A excelente interpretação de Ronald Colman e Ana Lee e a encenação de Lewis Milestone concedem-lhe, porém, notáveis indulgências.

★

BUSBY BERKELY, pela irregularidade e incerteza da encenação de O REI DA ALEGRIA, ótima nas cenas musicais, péssima nas cenas dramáticas. As indulgências ganhas com a cena da «conga» salvam-no de embarcar na Barca do Inferno.

★

A interpretação de O LADRÃO DE BAGDAD, que só escapa à Barca infernal pelo facto dos actores não terem culpa de não chegar o orçamento para pagar a intérpretes melhores.

★

A triste ideia de Gerhard Menzel, o argumentista e planificador de TODA A VIDA, em incluir numa história agradabilíssima o incidente tolinho e inútil do desastre Agnes.

A maquete de Viena e a caracterização oleosa de Deanna Durbin em DESFILE DA PRIMAVERA.

★

O pirismo melodramático das gomas cenas, nomeadamente dos arroubos maternais, agravados pelo cabotinismo da mamã de Mickey em O REI DA ALEGRIA.

★

A infelicidade da rapsódia final da mesma fita, com Mickey Rooney imprevisivelmente fardado de cadete de marinha.

★

A locução brasileira infligida ao complemento SKIADORES ALADOS, substituindo o comentário original do insubstituível Pete Smith.

MESTRE GIL

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da EDITORIAL IMPERIO, LDA. — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telefone P. B. X. 4 8278 / 4 1011 Gravuras da FOTOGRAVURA NACIONAL — Rua da Rosa, 273

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

PREÇO DAS ASSINATURAS

Ano 26\$000
Semestre 13\$000

Distribuidores exclusivos:

EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, L. MITADA — L. Trindade Coelho 9-2.º (Telef. P. B. X. 2 7507), Lisboa

A ESPANHA continua a proteger o seu cine!

A Espanha acaba de promulgar um importante diploma, com a finalidade de garantir o acesso da produção nacional às telas dos cinemas de estreia. Nele se estabeleceu uma cadência, que deverá reger a sucessão de filmes nacionais e de concorrência, no cartaz dos cinemas em questão.

Os textos do decreto, e bem assim das palavras que precedem o articulado — o qual estabelece ainda a obrigatoriedade da inclusão dum complemento espanhol, em todos os programas cinematográficos:

«Os louváveis esforços que as empresas produtoras vêm realizando não encontram a compensação devida nos resultados práticos, pelo complexo de circunstâncias que dificultam a exploração dos nossos filmes. Afastadas essas dificuldades, é de esperar que a indústria atinja rapidamente o grau de esplendor a que tem direito. Para esse efeito, e decidido o Governo a fomentar a produção cinematográfica, no duplo aspecto de fonte de riqueza e veículo de difusão da nossa cultura, resolveu o Ministério do Comércio e Indústria, por proposta da Secretaria Geral Técnica, dispor o seguinte:

Art. 1.º — A partir de 1 de Janeiro próximo, todas as salas da Espanha que se dediquem à exibição cinematográfica, deverão dar, pelo menos, uma semana completa de exibição de filmes espanhóis, de grande metragem, por cada seis semanas de projecção de películas estrangeiras, da mesma categoria.

Art. 2.º — Para os efeitos da aplicação desta ordem, o ano cinematográfico dividir-se-á em dois períodos: no primeiro, que vai de 1 de Outubro a 31 de Maio, serão projectadas fitas espanholas, em rigorosa estreia, e em cada uma das salas; na segunda, que vai de 1 de Junho a 30 de Setembro, poderão reexibir-se os filmes espanhóis, que cada sala estreou anteriormente.

Art. 3.º — Independentemente do que se estabelece nos artigos anteriores, e a partir da mesma data, todas as salas serão obrigadas a completar o programa, de cada uma das sessões com um filme curto nacional, do vulgarmente designados por «complementos».

Art. 4.º — A Sub-Comissão Reguladora da Cinematografia ou o organismo que tenha que assumir as suas funções será responsável pelo exacto cumprimento desta Ordem.

Madrid, 10 de Dezembro de 1941.

(a) CARCELLEZ SEGURA

Sub-secretário e secretário geral técnico do Ministério do Comércio e da Indústria

«O Batalhão perdido de Creta» é o título do novo filme de William Wyler

A história fantasista dum batalhão britânico que prosseguiu uma luta de guerrilhas

A peça de Lilliam Helman, «The Little Foxes», foi um dos maiores êxitos do teatro americano nos últimos tempos. Mantendo-se no cartaz, em Nova York, durante um ano consecutivo, com 403 representações, o êxito da peça de que Tallulah Bankhead — figura de primeiro plano do teatro «Yankee» da actualidade, e há alguns anos intérprete de alguns filmes da Paramount — foi a criadora, continuou na «tournee» através do Continente americano durante quarenta e cinco semanas.

Dessa peça foi feita uma adaptação cinematográfica que ainda há pouco correu num dos cinemas de Lisboa. Bette Davis a intérprete cinematográfica de «Raposas

Matreiras» e William Wyler, o homem que dirigiu «Veneno Europeu», «Ruas de Nova York», «O Monte dos Vendavais» foram os dois nomes que acreditaram, de forma superior, a adaptação ao cinema da obra de Lilliam Helman, cujo valor todos os que viram o filme, por certo puderam compreender e admirar.

Agora William Wyler, figura das mais notáveis de todo o cinema dos Estados Unidos, comdeçou a dirigir, também para Samuel Goldwyn, um novo filme que tem por assunto um acontecimento da actualidade, um dos mais falados episódios da guerra presente — a batalha de Creta.

O filme intitula-se «The Lost Battalion of Crete» e o seu argumento fala da suposta actividade de um grupo de soldados britânicos que ainda estariam a combater, por meio de guerrilhas, naquela ilha, de novo, e para sempre, famosa.

Os intérpretes são na sua totalidade os mesmos que apareceram em «Raposas Matreiras» excepção feita a Bette Davis e Herbert Marshall. São eles, Teresa Wright, Dan Duryea, Virginia Gilmore e Dana Andrews.

O argumento é da autoria de Niven Bush, chefe do Departamento de «cenários» da Produção da Goldwyn.

Notícias de ESPANHA

● Em Madrid acaba de se fundar uma sociedade para produção de filmes de desenhos animados que usa a razão social de Producciones Dibujos Mestres S. A. O director técnico da empresa é o desenhador Salvador Mestres, que vai utilizar as cores, segundo um processo próprio. Ao que se diz usará também o processo múltiplo.

● Arturo Perez Camarero Fernandez de Cordoba, e Augusto Bone, que há pouco terminaram o documentário Cuenca e Su Ciudad Encantadas, para o qual o maestro Font escreveu uma partitura original, acabaram de dirigir um outro filme curto a que puseram o título de «Madrid, castillo famoso». A música deste filme foi escrita pelo maestro Conrado del Campo.

● EL HOMBRE QUE SE QUISO MATAR é o título do filme que Rafael Gil dirige com António Casal, Rosita Yarza, Carnino Garrigó e Xan de Bolas.

● O DIFUNTO ES UN VIVO é o título do filme que nos estúdios Kinefon de Barcelona, Iquino está dirigindo. Interpretam-no António Vico, Mari Santamaria, Guadalupe Muñoz Sampedro, Luiz Porredón, Martínez Soria, Gruer e Tereza Idel. O nosso conhecido Isidoro Goldberger é o chefe operador.

● Em Barcelona, nos Estúdios Lepanto, ficou concluído já o filme UNA CONQUISTA DIFÍCIL, segundo a obra de Lopez de Haro. Foi seu realizador Pedro Puche; e Maruchí Fresno e Lily Vicente são as duas primeiras figuras femininas do filme.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Clarence Brown dirige em LONDRES o filme «Cargo of Innocence» com DONAT

A odisseia dum navio de carga que transporta crianças refugiadas

assinalável destaque na indústria americana.

Agora um outro grande nome entre os melhores que conta o filme americano acaba de fazer a travessia do Atlântico para em Inglaterra dirigir uma produção do cinema nacional. De facto, os boatos que há meses corriam em Hollywood tiveram a sua plena confirmação quando se soube que Clarence Brown, o realizador dilecto de Greta Garbo, cuja carreira desde os tempos heroicos do cinema americano é um exemplo de probidade, de competência profissional, de verdadeiro amor por uma profissão, deixaria os estúdios de Culver City pelos «ateliers» londrinos.

O filme que Clarence Brown está neste momento dirigindo intitula-se CARGO OF INNOCENCE, tendo, o seu argumento, por pano de fundo a guerra actual e por acção um conflito de alta intensidade dramática: Robert Donat, o prestigioso intérprete de «Vende-se um Fantasma» e de «Good bye, Mr. Chips» é o protagonista desse novo filme do realizador de «Maria Walewska».

Frequentes vezes já o Cinema americano tem enviado a Inglaterra realizadores seus, acreditados, com o propósito de nos estúdios de Londres dirigirem, com elementos técnicos e artísticos locais, filmes diversos, a que a expansão natural do filme americano permite um divulgação e uma repercussão de outra forma impossível de alcançar.

Estão neste caso, nos últimos anos, dois filmes que tiveram um lugar de primeiro plano no cinema mundial — «Cidadela» e «Adeus, Mr. Chips». Para dirigir o primeiro deslocou-se provisoriamente à Grã-Bretanha e aí trabalhou largo período King Vidor. Para dirigir o segundo veio especialmente, de Hollywood, Sam Wood, que hoje está ocupando uma situação de

PASTERNAK vai produzir o seu primeiro filme depois de ter deixado a Universal

Joseph Pasternak, o conhecido produtor que foi o responsável pelo êxito da série dos filmes de Deanna Durbin, e que está desde Agosto na Metro Goldwyn Mayer onde ocupa, justamente, lugar de destacada evidência, vai agora iniciar a sua actividade naquela companhia.

O argumento que aquela empresa acaba de adquirir especialmente para Pasternak, é da autoria de Ruth Finney e intitula-se «The White House Girl».

«A Rapariga da Casa Branca» é a história duma telefonista do palácio presidencial de Washington, onde o pai desempenha, também, as funções de chefe dos criados do Presidente. A sua ambição é tornar-se grande cantora, mas antes que realize a sua aspiração tem de se haver com uma rival, de elevado nível social e

Uma telefonista da Casa Branca pretende abraçar a carreira artística e usa de influências políticas

com importantes afinidades políticas, que procura por todos os meios prejudicar-lhe a carreira, e impedir um romance de amor com um oficial de Marinha.

Um dos grandes atractivos do filme, é sem dúvida, como facilmente se calcula, o ambiente em que o filme decorre, visto ser o da mais famosa residência de todos os Estados Unidos — a Casa Branca.

HAL ROACH inicia nova série de fitas em 5 partes

Hal Roach, o conhecido produtor de comédias e um dos primeiros nomes que começaram a produzir filmes em Hollywood quando, depois de largos anos de colaboração, se separou da Metro Goldwyn Mayer resolveu como então noticiámos abandonar a orientação até então seguida e produzir em moldes absolutamente novos.

Lançou-se assim na produção de filmes mais curtos que os habituais filmes de fundo mas com uma importância decididamente maior que os chamados complementos de programa. Enveredou pelas produções em cinco ou seis partes, conhecidas por «Streamlined featurettes», tendo concluído agora a última dessa primeira série, e a qual se intitula «Fiesta», tendo sido fotografada em technicolor.

O êxito dessa primeira experiência foi tal que Hal Roach acaba de anunciar a sua continuação com uma nova série de cinco produções, que a United Artists também voltará a distribuir.

Desse segundo grupo devem fazer parte duas comédias de aspecto militar, a primeira das quais se intitula «Hayfoot», e mais um filme musical em technicolor «Cubana», assim como dois

outros a cujos títulos não foi ainda dada publicidade, devendo o orçamento total do grupo ser de um milhão e duzentos e cinquenta mil dólares, o que diz bem da importância desses filmes.

Da primeira série fazem parte «Nagara Falls», «All American Girls», «Broadway Limited», «Thanks a Million» e «Fiesta», a que acima nos referimos.

A mulher portuguesa e o cinema

(Conclusão da 2.ª pág.)

seus gestos, da simplicidade do seu vestir e da naturalidade do seu ser, a sua elegância, a sua personalidade, o seu carácter. E parece que nem já se deixam tiranizar pela moda, sendo a moda que se vê obrigada a segui-las, a estudá-las, a adaptar-se aos seus hábitos e aos seus gostos, desistindo, finalmente, de lhes impôr as incommodidades, os constrangimentos, as violências, que as suas avós resumiam, e resignadamente aceitavam, nesta frase do seu catecismo profano: «sofrer... sofrer, para ser formosas».

Esta desenvoltura, esta sinceridade, a fresca juventude e a saúde orgulhosa das raparigas de hoje, não ficou, porém, pela cidade e nas ruas da Baixa, porque as vamos encontrar, também, nas nossas provincinhas, em vilas e aldeias, onde o ar mais puro, a vida mais regrada e mais simples, lhes dão, com a mais flagrante energia física, um superior equilíbrio de espírito.

Quantas «estrelas», quantas figuras, expressões, talentos fotogénicos, não estarão entre essas raparigas de hoje?!

E nas mulheres do povo? Entre as mulheres do nosso povo encontram-se tipos perfeitamente originais, tipos de beleza, tipos de carta, extraordinários. Não falando já na minhota, na mulher da Beira, na alentejana, na algarvia, observemos as tricanas de Aveiro e de Coimbra, a sua flunira, a sua esbelteza, o ritmo do seu andar, da sua elegância, do seu falar.

E as mulheres da beira-mar, da Póvoa, da Nazaré, da Madragoa, as varinas que correm por toda Lisboa, na venda do peixe, dando às ruas da cidade, a certas horas, a nota de vivacidade, de garridire, na sua marcha ligeira e ondulante, na eufonia dos seus alegres pregões.

Não se diga, pois, que não é Portugal terra de mulheres bonitas, e esperemos que a sua evidente e inconfundível beleza continue a encontrar no cinema português o melhor elemento da sua revelação e das suas graças.

ACACIO LEITAO

O actor russo NICOLAS KOLINE regressa ao cinema



Dirige-o TURJANSKY para a UFA

Quem se lembra do «Trapeiro de Paris» e de «600.000 francos por mês?»

Quando em 1919 os russos brancos iniciaram em Paris a sua actividade cinematográfica, que foi das mais brilhantes e das mais decisivas do cinema francês, entre os artistas notáveis que formavam, primeiro a Ermoloff e depois, a Albatros, contava-se um que logo teve a simpatia do público dos cinemas europeus. Era Nicolas Koline, um cómico dum marcante personalidade, usando de processos tão simples quanto eficientes, que o celebrizaram durante muitos anos, os mesmos que durou a actividade daquela famosa «troupe» a quem se ficaram devendo obras notáveis, feitas num estilo absolutamente novo para a época. «Casa do Mistério», «Keans» «600.000 francos por mês», entre outros, são filmes interpretados por Koline.

Durante muito tempo o nome de Nicolas Koline deixou de aparecer no cinema como sucedeu a tantos outros dos compatriotas seus dessa época. Agora temos a notícia que ele está na Alemanha, onde, aliás, já trabalhou por volta de 1929. O filme que está interpretando para a UFA e que tem a direção, facto curioso, W. Tourjansky, um dos grandes nomes da Albatros, intitula-se «Ilusiones» nele aparecendo como vedeta Brigitte Horney, um dos nomes de primeira fila do actual cinema germânico. Os exteriores do filme são feitos na Estíria e em Viena.

Notícias de FRANÇA

● Baseado num cenário de Charles Spaak, Christian Jacque dirige em Paris o filme PREMIER BAL de que serão intérpretes Marie Déa, François Perier, Fernand Ledoux e Raymond Rouleau.

● LE COEUR GAGNE, que Yves Allégret dirige em Nice, é interpretado pelo cómico Rélys e por Jeanine Darrey.

● Já começou a realização do novo filme de Tino Rossi, dirigido por Pierre Billon, intitulado LE SOLEIL A TOUJOURS RAISON com argumento de Jacques Prévert. Tomam parte também Charles Vanel, Micheline Presles, Pierre Brasseur e Delmont.

● Jean Boyer, o conhecido realizador francês, vai dirigir o filme LE PRINCE CHARMANT de que Lucien Baroux, o conhecido cómico, a nova actriz Renée Faure e Jimmy Gaillard, que era com Coco Aslan um dos melhores elementos de orquestra de Ray Ventura, são os principais intérpretes.

● Nos estúdios de Paris, Jacques de Baroncelli acaba de dirigir o filme LE BOULLON BRULE, tirado dum pedaço de Steve Passeur. Entre os seus intérpretes contam-se Pierre Renoir, Michèle Alfa, Elina Labourdette, Bernard Blier, um dos actores de mais talento da nova camada francesa, Marcel Herrand e Jean Marchat.

● O realizador Jean Gourguet, depois de ter feito os exteriores do seu filme LE MOUSSAILLON realizará os interiores em Paris. O filme tem por intérpretes Roger Duchesne, Yvette Lebon e Lucien Galas.

● PAPA, tirado da peça de Feers e Caillavet por Leopold Marchand está sendo dirigido por Robert Peguy. Alérmia, Blanchette Brunoy, Léon Bellières, Jean Max, Annie Ducaux, e Palan são os seus intérpretes.

● O filme de ambiente patético CHEFS DE DEMAÏN é interpretado por Jean Daurand, Geo Doris, Charles Moulin e Maurice Marsay.

«ENTRE O CÉU E A TERRA» será o título do novo filme de WERNER KRAUSS

Com os últimos exteriores filmados em Kaul e em Xanten, no Reno, ficaram concluídos os trabalhos de realização do filme da UFA «Zwischen Himmel und Erde», que em português se traduz por «Entre o Céu e a Terra».

O filme, que tem por realizador o dr. Harald Braun, que é com Jacob Geis o autor do «cenário», extraído da novela homónima de Otto Ludwig, é interpretado pelo grande actor Werner Krauss, por Gisele Uhlen e por Paul Henckels, Gustav Waldau, Elisabeth Flickenschildt, Charlotte Schulz, Wolfgang Luksch, Martin Urtel. A fotografia é do operador Robert Baberske.